

Dias de coleta

Leonardo Schraiber Colato

A mãe apressou os dedos nas teclas do aparelhinho que controlava por senha o acesso ao condomínio de dois prédios porque o filho, num gesto de “anda, vamos, mal posso esperar por essa aventura até a padaria!”, puxava insistentemente a bolsa vermelha dela colada embaixo do braço. Nem bem tinham saído e o menino apontou para um homem descalço no meio da rua.

– Olha lá, mãe, ele tá com aquela mesma camiseta que o pai disse ontem que não cabia mais nele!

A mulher deu um tapinha no braço esticado do filho e roubou do bolsinho da calça a mão do outro braço dele, apertando o passo e puxando o menino atrás de si enquanto pressionava ainda mais a bolsa vermelha contra o corpo.

Alguns metros adiante os dois tiveram de contornar pela rua os três grandes contêineres de lixo do condomínio transbordando sacos pretos e azuis estufados, a maioria rasgada e revirada obstruindo o caminho da calçada. Eles levaram a mão ao nariz e a mulher, com os olhos na calçada, balançou várias vezes a cabeça em negação.

– Filho, viu? Terça e quinta é assim: botam o lixo aí na frente e não passa cinco minutos já tá tudo revirado.

O menino, com a mente nos doces e salgados da padaria, não respondeu nada e seguiu saltitante de volta à calçada.